

Questão 1:

No que diz respeito ao tema "conhecimento", a história da filosofia ~~occidental~~ ~~oriental~~ é rica em teses e argumentos. Os problemas a esse respeito que em torno das questões sobre o que é conhecimento, se é possível conhecêmos algo e, se sim, de que maneira, qual a sua origem e quais os seus limites. Na modernidade de (séculos XVI/XVII) existem e existiram duas correntes filosóficas com concepções distintas no que diz respeito a estas questões, o saber, o racionalismo e o empirismo.

De maneira geral, o racionalismo privilegia a razão no processo de conhecimento, isto é, a razão seria o ponto de partida e o critério de verdade. Já o empirismo privilegia a experiência no processo de conhecimento, isto é, a experiência seria o ponto de partida e o critério de verdade.

O primeiro trecho apresentado nesta questão defende ~~uma~~ uma concepção racionalista contra uma concepção empirista. A tese defendida é que as ideias ~~dependem~~ ~~do~~ dependem do espírito e ~~é~~ ~~o~~ ~~que~~ ~~corre~~ ~~a~~ ~~origem~~ ~~das~~ ~~ideias~~ (do conhecimento).

Contra o empirista ~~se~~ defende que não podemos afirmar que as ideias são cópias dos objetos externos, pois, se ~~elas~~ ~~são~~ ~~perceptíveis~~, então elas são ideias, uma vez que o que percebemos são semelhanças e estas ~~se~~ ~~são~~ ~~concluídas~~ em nossas ideias. O caso os objetos externos não são perceptíveis, cai-se no absurdo, pois ~~se~~ não é possível ter a ideia de uma cor se assemelhar com algo que não existe, impossível.

O segundo trecho apresentado nesta questão defende uma concepção empirista. A tese defendida é que existem apenas objetos de natureza sensível, uma vez em que não há uma diferença qualitativa entre os objetos físicos e os demais, por exemplo, e os conceitos (o que poderia ser concluído como ideias para os racionalistas) nada mais são do que uma formação. Assim, para se conhecer uma estrutura que nos permita manipular, controlar, agir nas mudanças que se expressam na experiência, os objetos físicos têm se mostrado muito mais eficazes, epistemologicamente falando, do que qualquer outro ponto de critério de conhecimento.

Questão 2:

No que diz respeito ao tema "ciência" na história da filosofia ocidental, podemos afirmar que no século XIX ocorre uma crise da ciência, na qual o conceito de ciência é reavaliado. O modelo científico implementado na Idade Moderna base-
ado no método experimental indutivo (que foi uma revolução ~~no que diz~~ em relação à tradição aristotélica-tomista dominante nas épocas antiga e medieval*, cujas caracte-
rísticas era a especulação racional e o método dedutivo), ^{assim como o} modelo anterior e a ele, começa a expressar seus limites e insuficiências e é reformulado.

Karl Popper foi um dos pensadores que se dedicou a este tema e se ^{propôs} a responder à questão geral sobre o que é ciência, assim como os seus desdobramentos: qual deve ser o seu método e quais são seus objetos de estudo. No trecho de A lógica das ciências sociais, oferecido pelo enunciado desta questão, Popper ~~faz uma reflexão~~ ^{faz} uma reflexão sobre o que é ciência a partir de uma delimitação de um âmbito que é "científico" e de outro âmbito que é "extra-científico", cada qual com suas valorações positivas e negativas. Ainda que se tenha clareza sobre estes dois âmbitos, Popper concebe uma impossibilidade de separá-los completamente, isto é, em um trabalho científico haverá aplicações e valorações extra-científicas. Cabe, portanto, ao crítico científico deixar clara a distinção entre estes dois âmbitos e, no que diz respeito à verdade, excluir as valorações extra-científicas.

Esta discussão popperiana se ancora na clássica distinção entre o que é o conhecimento científico (que deve ser marcado pelo rigor e objetividade) e o que é o conhecimento de senso comum (marcado pela ambiguidade e subjetividade). Tal distinção também envolve a discussão sobre essência e aparência, importante ~~dist~~ diferença já realizada na antiguidade e que retrocessa a história da filosofia ocidental quanto objetos de estudo. Há também, de maneira implícita, a questão da neutralidade. Quando admite a impossibilidade de

* Na antiguidade, com Aristóteles. Na medicina, com Tomas de Aquino (baseada de Mada, retomando Aristóteles).



separar totalmente o trabalho científico de suas aplicações e valorações extra-científicas, admite, porém, de se excluir o subjetivo no exercício do objetivo. Entretanto, depende a possibilidade de se alcançar uma verdade objetiva, excluída de valorações subjetivas.

Karl Popper, portanto, se preocupa e se posiciona em relação a problemas clássicos do conhecimento e da filosofia da ciência. A delimitação entre o que é científico e o que é não científico, o que é científico e extra-científico, é fundamental para o conhecimento do mundo e, portanto, de nos mesmos, assim como a defesa da objetividade do conhecimento científico, o que reforça a primeira distinção, pois ainda que o subjetivo não se opere do conhecimento científico, é possível chegar a alcançar uma verdade objetiva.

Questão 3:

Com o desenvolvimento científico ocorrido ao longo do século XIX da história ocidental, surgiu uma grande expectativa de que este conhecimento científico-racional seria capaz de proporcionar a emancipação da humanidade como um todo, isto é, acabaria-se com a desigualdade social por criar-se uma condição material de proporcionar o bem-estar a todos. Entretanto, o que ocorreu foi o contrário, a razão foi utilizada para aumentar o nível de exploração e, portanto, da desigualdade social. Ademais, um dos paradigmas da Escola de Frankfurt, assim as desigualdades da primeira metade do século passado, avaliando-as.

No trecho citado no enunciado desta questão, Adorno realiza uma crítica ao modelo científico que concebe o conhecimento apenas como uma observação do rendimento tecnológico afirmando que isto não é um conhecimento produtivo. Para o filósofo, mais importante do que obterem resultados é refletir para tentar entender como surge o real conhecimento, isto é, qual o processo pelo qual nós conhecemos algo real-mente.

Em uma concepção materialista dialética, não são o sujeito, mas os objetos são dinâmicos, estão em um movimento contraditório. Já em Éfeso, na antiguidade grega mitológica, dizem que, ao mesmo tempo, somos e nos somos, que, ao mesmo ato, somos e não somos, situação não própria aos a força motriz de um movimento e de sua imutabilidade, graças a esta síntese de contrários que constitui o seu ser.

Desta forma, o processo de conhecimento é uma apreensão da realidade, que está em movimento, a partir do sujeito, que também está, isto é, conhecer é apreender o movimento em movimento.

Compreender este processo nos proporciona uma concepção mais rica da realidade (da história e da sociedade), o que nos oferece um verdadeiro conhecimento produtivo, diferente daquela concepção que valoriza o rendimento, a quantidade numérica, concepção que se origina desta sociedade que substituiu no consumismo (na produção e venda de mercadorias), cuja produtividade se mede em números e a obsolescência é programada.